

**MEMÓRIA FOTOGRÁFICA DE UMA COMUNIDADE
QUILOMBOLA NO SEMIÁRIDO DO ESTADO DO RIO GRANDE
DO NORTE: a Boa Vista dos Negros, Parelhas, Rio Grande do Norte,
Brasil**

*Photographic memory of a quilombola community in the semi-arid state
of Rio Grande do Norte: Boa Vista dos Negros, Parelhas, Rio Grande do
Norte, Brazil*

Geraldo Barboza de Oliveira Junior

Antropólogo do Instituto de Desenvolvimento,
Educação e Planejamento Ambiental –
IDEA/RN.

A versão sobre a origem da comunidade está nas palavras de Emiliano:

_ Começou... começou quando vinha um retirante de... desse tempo o povo chamava de cima... de cima agora a gente chama o que vem prá'colá; mas nesse tempo, vindo do poente era de cima, chamava de cima, do lado nascente vinha de baixo.

_ É. Ele veio do poente; agora nesse tempo os véio chamava de cima. Trazia três filhas... agora, deixou uma aqui em Boa Vista, outra no Olho D'Água do Boi e outra nos Brejos.

_ É nos Brejos da Paraíba, em Lagôa Nova... chamam Lagoa Nova. A de lá eu não sei como se chamava; a daqui tinha o nome de Teresa.

_ A de Boa Vista tinha o nome de Teresa; daí começou essa comunidade... depois dessa Teresa.

_ Home, essa história... essa história é véia... essa história vem... eu nem sei lhe dizer de quando; porque eu já sou da quinta geração.

_ Já sou da quinta geração de Teresa

_ É. Sou descende de Teresa, quer dizer, sou da quinta geração. Porque, Teresa tinha um filho: Domingos. De Domingos; o Domingo tinha um filho Roberto. E de Roberto nasceu Inácio. E de Inácio nasceu Antônio que era meu pai.

_ Eu já sou da quinta geração. Eu nasci em oito: 1908, 02 de fevereiro.



Figura 1. Emiliano Fernandes da Cruz. A Memória local.



Figura 2. Beatriz. Auxiliar de enfermeira aposentada.

_ Depois de 1940, que nós viramos eleitores, as coisas ficaram menos difíceis.

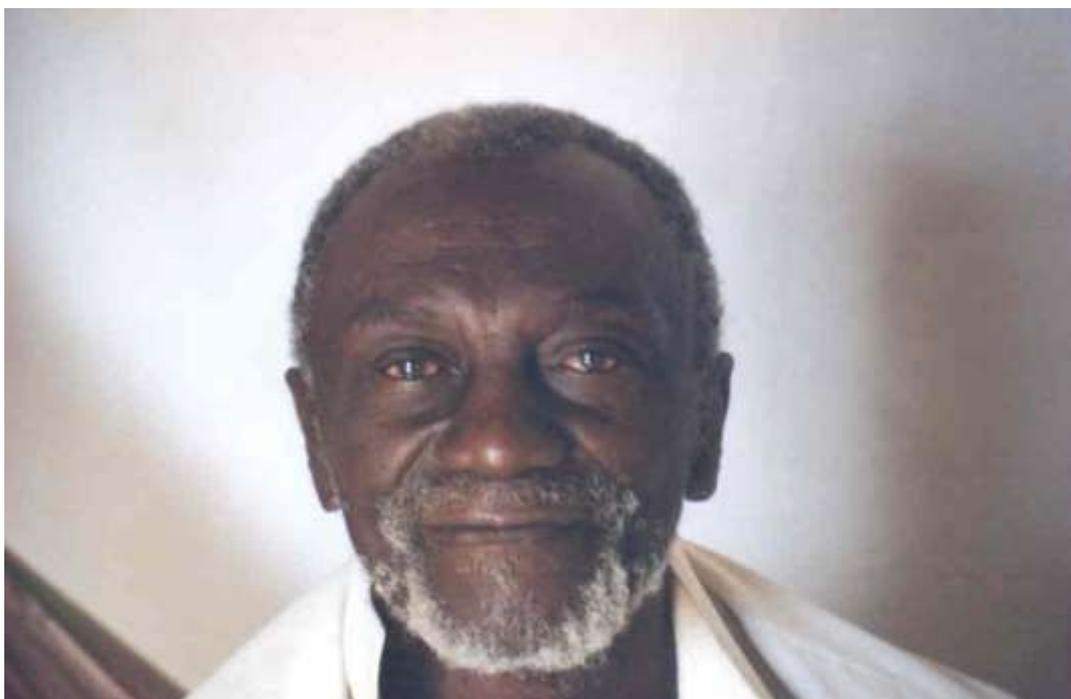


Figura 3. Zé Vieira. Liderança política.

_ Em 1960, fui procurado pelo Prefeito Florêncio Luciano e foi feito nosso açude; o açude dos Negros. Depois disso fui procurado para saber se tinha alguém que sabia ler. Falei de minha irmã que estudou. Ele, em seguida, mandou fazer um salão-escola para que todos os negros aprendessem a ler e escrever.



Figura 4. Dona Chica Vieira, primeira professora local.

_ Fui a primeira professora na Boa Vista dos Negros. Pude estudar e concluir o ensino médio em uma época que era quase impossível para os negros. Na década de 1960 para 1970, comecei a ensinar aqui a todo mundo.



Figura 5. Seu Amaral, esposo de Dona Chica.

_ Fui procurado pelo MEB (Movimento Eclesial de Base) e em 1978, viajei sozinho até Brasília para conhecer o pessoal do Movimento Negro, que tava se organizando. Fui falar de minha comunidade.



Figura 6. O açude dos Negros, na época das chuvas.



Figura 7. O açude dos Negros, na época da seca.



Figura 8. A casa de Dona Maria (a última de taipa), a mãe de Dona Chica Vieira.



Figura 9. A nova casa de Dona Maria, a mãe de Dona Chica Vieira.



Figura 10. Posto de saúde Mãe Gardina, em sua antiga sede.



Figura 11. Posto de saúde novo.



Figura 12. Escola da Boa Vista. Atualmente desativada.



Figura 13. Sala de aula no ano 1987. Atualmente sem aulas.



Figura 14. Jerônimo e Tadite. Quando jovens. Hoje casados.

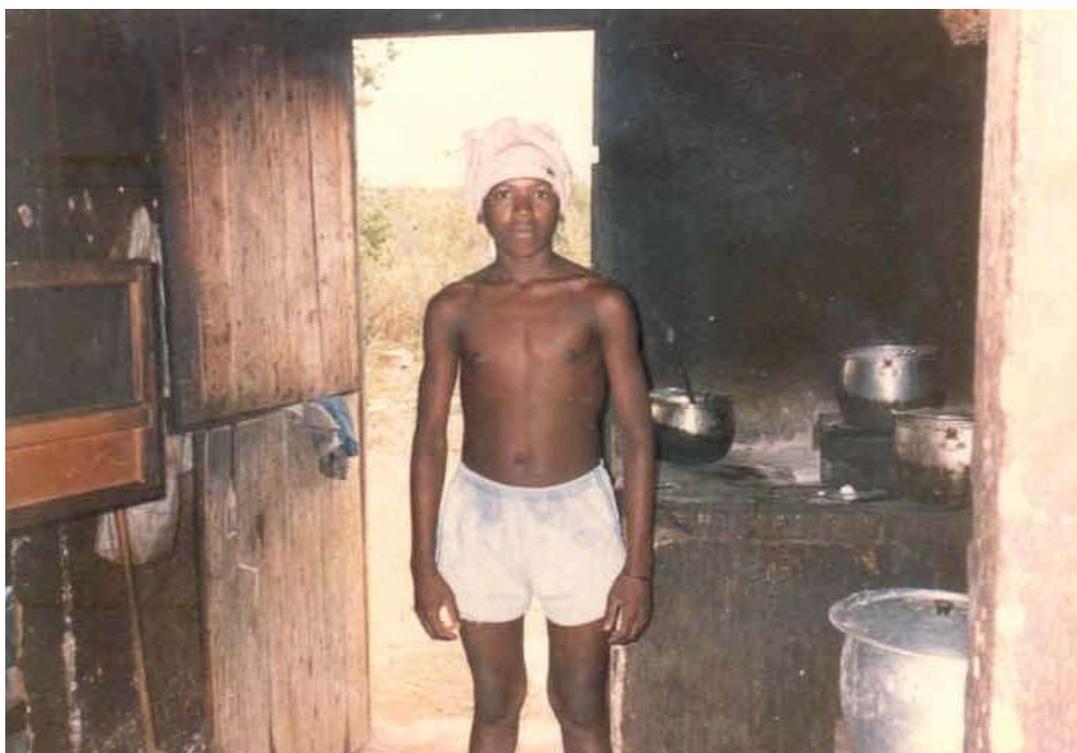


Figura 15. Zé de Biu. Filho de Dona Chica.



Figura 16. Pesquisadora-esposa do pesquisador (sentada) e Dona Adelaide e Maria (mulher e filha de Zé Vieira, respectivamente).



Figura 17. Pesquisador, mulher e filha.

MEMÓRIA FOTOGRÁFICA DE UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA NO SEMIÁRIDO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE: a Boa Vista dos Negros, Parelhas, Rio Grande do Norte, Brasil

Geraldo Barboza de Oliveira Junior

Nos anos 1987 e 1988 iniciei um contato que perdura até os dias atuais com a comunidade negra rural da Boa Vista dos Negros, em Parelhas, RN. Uma relação que, faz muito tempo, ultrapassou todas as fronteiras acadêmicas. Hoje, tenho amigos, afilhadas, afilhados e parceiros de luta.

Os registros colocados se referem às primeiras visitas na comunidade. Era um olhar que procurava pessoas, lugares e equipamentos que traduzissem esta forma de viver: negros numa região de maioria branca no sertão do Rio Grande do Norte.

Atualmente, Boa Vista dos Negros está em um patamar de organização que serve de exemplo para outras comunidades: possui associação proativa, ponto de cultura, há participação intensa na Ordem do Rosário, o território possui autocertificação e há atuação nos movimentos sociais.

A proximidade de 30 anos do primeiro contato e o compromisso com a memória local me faz constantemente retomar fotografias, diários de campo, entrevistas. Na atualidade, o uso de inúmeros instrumentos de divulgação do cotidiano da comunidade da Boa Vista dos Negros, principalmente pela juventude local, coloca a comunidade num patamar de maior visibilidade. Esta condição, entretanto, não condiciona à comunidade o acesso às políticas públicas específicas para as populações tradicionais.

As fotos mostradas elencam, acima de tudo, um olhar antropológico mesclado com o olhar de quem se espelha e se identifica com “o outro”. As fotografias pecam em

termos de qualidade, mas se justificam pelo fato de terem sido feitas em filmes e reveladas em papel. A formatação digital somente ocorreu no ano de 2003. Como resultado, algumas apresentam qualidade inferior ao que se consegue, atualmente, com as máquinas digitais. Fica o romantismo de uma época preservado em imagens com defeitos.

À Boa Vista dos Negros, meu muito obrigado.